



A violência de Deus

Sergio Paulo Rouanet, Rio de Janeiro*

Partindo das idéias de Freud, o presente trabalho tem por objetivo examinar o recrudescimento do papel da religião na sociedade atual, principalmente no que tange às manifestações do fenômeno do fundamentalismo religioso.

Para tanto, o autor, tomando uma direção mais especulativa, estuda a hipótese de que certas ações violentas de nossa época, vinculadas às manifestações de um radicalismo religioso, além de gerarem traumas individuais, constituam reações a traumas coletivos decorrentes das transformações culturais ocorridas a partir da Era Moderna da história do homem.

Descritores: religião, fundamentalismo religioso, trauma, Freud.

* Doutor em Ciência Política, Professor da Universidade de Brasília, Membro da Academia Brasileira de Letras.



Toda religião tem uma relação ambígua com a violência. Por um lado, a religião pode contribuir para domar os impulsos agressivos do homem e, por outro, pode desencadear a violência.

Freud (1921, 1927) examinou a religião sob esses dois aspectos.

Para ele, a religião é um freio contra a violência. Sob esse aspecto, ela deve ser vista como ilusão necessária. É uma ilusão, porque não está a serviço do princípio da realidade e sim a serviço do desejo, que induz o homem a criar um pai supra-sensível que o proteja contra os pavores da morte, os perigos da natureza e os riscos da vida em sociedade. Mas é uma ilusão necessária, porque sem ela o homem não aceitaria os sacrifícios exigidos pela civilização. A consequência seria o desencadeamento dos seus impulsos agressivos em explosões de violência que acabariam por destruir a civilização. Freud acrescenta que, muitas vezes, tal violência seria plenamente compreensível, pois, numa sociedade em que a riqueza e o poder estejam desigualmente distribuídos, os sacrifícios pulsionais impostos à maioria oprimida não se destinam a manter a civilização como tal e sim uma sociedade injusta. Desse ponto de vista, Freud não está longe de Marx, para quem a religião é um ópio do povo.

Por outro lado, a religião pode ser uma fonte de violência, na medida em que estimula a intolerância contra seitas rivais. Em sua *Psicologia de grupo e análise do Ego*, Freud (1921) examinou os laços de solidariedade que surgem em certos grupos, em que cada indivíduo se liga, por vínculos libidinais com o chefe, a todos os outros indivíduos que compõem o grupo. O homem perde sua individualidade, mergulhando no coletivo. Abre mão de sua inteligência, deixando-se guiar por imagens mobilizadoras e não por idéias. Extrojeta na pessoa do líder uma parte, cindida, do seu Eu – o ideal do Eu, herdeiro da fase narcisista. Com isso, o líder se torna imune às críticas, porque é a soma de todas as perfeições que o Eu narcisista encontrava em si mesmo. É exatamente o que acontece nas igrejas. O chefe (Cristo ou seus representantes) assume o papel de um pai que ama igualmente todos os seus filhos, e os crentes ligam-se uns aos outros por vínculos eróticos de-sexualizados. Reduz-se o narcisismo individual e criam-se nexos de fraternidade. Nesse momento, a violência intragrupal tende a desaparecer. Surge um “Nós” parcialmente pacífico, gerado pelo amálgama de vários “Eus”, sob o comando de um Eros comunitário.

Mas o preço desse processo é a violência conduzida contra outras comunidades religiosas. Tãatos foi banido do grupo, mas reaparece em toda sua destrutividade na relação com outras religiões. Como diz Freud: “Mesmo uma religião do amor deve ser severa e tratar sem amor os não-adeptos. No fundo, toda religião





é uma religião de amor para os que a praticam, e cada uma está pronta a mostrar-se cruel e intolerante para os que não a reconhecem.” (1921, p.125).

A história confirma o pessimismo de Freud. Ao contrário do paganismo, em geral tolerante com os deuses estrangeiros, a “religião de amor” a que se referia Freud, o cristianismo, foi responsável por atos horripilantes de violência. As vítimas foram, durante a Idade Média, os cátaros, quase inteiramente extintos em consequência da campanha contra os albigenses, e os hereges em geral, que pagavam com a morte nas fogueiras da Inquisição o crime de sustentarem opiniões políticas heterodoxas. As cruzadas foram exemplos apavorantes de violência praticada em nome da religião: gritando *Dieu le veult*, os guerreiros de Cristo ensanguentaram a Terra Santa. No período moderno, as vítimas foram os protestantes massacrados pelos católicos e vice-versa, ou os protestantes perseguidos na França e os católicos perseguidos na Inglaterra. Além disso, as vítimas da intolerância eram elas próprias intolerantes. Calvet foi executado em Genebra por ordem de Calvino. Os puritanos ingleses, vítimas da intolerância anglicana, foram ser intolerantes na América, queimando bruxas em Salem e exterminando a população indígena com o mesmo zelo sagrado com que os hebreus bíblicos tinham exterminado os primeiros habitantes de Canaã.

Mas com o tempo as paixões religiosas foram represadas. Pelo Editto de Nantes, Henrique IV autorizou o culto protestante, desde que não fosse posto em questão o estatuto do catolicismo como religião de Estado. Na Inglaterra, a *glorious revolution* de 1688 permitiu o funcionamento de todas as igrejas protestantes dissidentes e, mais tarde, da própria Igreja católica. Concomitantemente com essas decisões políticas, difundiam-se livros defendendo a tolerância no plano conceitual, como a *Carta sobre a tolerância*, de Locke (1689), e o *Traité sur la tolérance*, de Voltaire (1763). Apesar de alguns retrocessos, como a revogação do Editto de Nantes por Luís XIV e embora a Inquisição continuasse atuando durante muito tempo nos países ibéricos, pode-se dizer que, de modo geral, a violência praticada em nome da religião foi se tornando cada vez mais rara. É que o processo de secularização fez com que a religião fosse sendo deslocada para a esfera do foro íntimo, perdendo com isso sua virulência destrutiva, enquanto a ascensão do Estado liberal criou uma instância neutra capaz de assegurar a coexistência pacífica das várias denominações.

Tudo isso inspirou em Freud um otimismo provisório, quando disse, no *Psicologia de grupo e análise do ego* que a intolerância religiosa “...não mais atinge a violência e a crueldade que a caracterizavam no passado” (1921, p.125), o que se deve “...ao enfraquecimento incontestável dos sentimentos religiosos e dos nexos libidinais que daí decorrem.” (1921, p.125). Mas pouco depois, em



Novas conferências introdutórias, ele se corrigiria: “A luta do espírito científico contra a concepção religiosa do mundo ainda não chegou a seu fim; ela ainda se trava diante dos nossos olhos.” (1933[32], p.165).

O que se revelou profético foi o pessimismo de Freud, não o seu otimismo. Nos últimos anos, a religião voltou a exibir a “violência e a crueldade” que já pareciam ter sido superadas. Em outras palavras, a religião dentro dos limites da razão, da qual nos fala Kant, típica do Iluminismo, saiu de cena. A religião voltou a ser dogmática. Para usar um termo em voga: ela se tornou fundamentalista.

Sabe-se que esse termo nasceu nos Estados Unidos, a partir de uma série de fascículos publicados entre 1909 e 1915 em que pastores de várias seitas relacionaram os *fundamentals* da fé cristã, os pontos fundamentais dos quais nenhuma das igrejas podia desviar-se, o principal dos quais era a interpretação literal da *Bíblia*. Só muito mais tarde é que o termo foi aplicado a outros grupos religiosos como os muçulmanos e os judeus.

Os três fundamentalismos monoteístas têm vários traços em comum. Todos eles pregam uma volta às origens. Os crentes devem respeitar literalmente os preceitos dos textos sagrados – *Corão, Torah, Velho e Novo Testamento*. Os costumes devem ser reformados à luz da respectiva lei – a *shar'ia* para os muçulmanos, a *halacha* para os judeus e a moral puritana para os cristãos. Apagam-se as fronteiras entre a esfera privada e a pública. O ideal do Estado leigo entra em eclipse e renasce a visão teocrática do mundo. E o que é mais grave: os três fundamentalismos são violentos, ou comportam correntes que advogam e praticam a violência.

O fundamentalismo islâmico recobre uma multiplicidade de tendências. Entre elas há uma orientação radical que recorre à violência para atingir seus fins. O fundamentalismo radical operou, a princípio, num quadro nacional. Foi o caso de movimentos como o Al Jihad, baseado no Egito, responsável pelo assassinato de Sadat, e o GIA, da Argélia, perpetrador de chacinas abomináveis. Mas, com o tempo, o fundamentalismo radical passou a atuar num quadro internacional. O exemplo mais espetacular é o Al Qaeda, dirigido por Osama bin Laden, que inspirou os atentados de 11 de setembro. Bin Laden quer fundar um califado pan-islâmico, tem em seus quadros, entre outros, egípcios, jordanianos, iemenitas e sauditas e instalou pontos de apoio em quase cinquenta países. A luta nacional palestina, no início dirigida por líderes seculares, adquiriu características fanaticamente religiosas. Tanto a Hamas, que atua nos territórios palestinos, quanto a Hisbollah, com base no Líbano, são facções fundamentalistas islâmicas. Os jovens suicidas que se imolam em atentados bárbaros são todos “mártires”, que terão como recompensa o paraíso prometido aos que morreram numa guerra santa.



O fundamentalismo judaico é representado, entre outros, por grupos ultra-ortodoxos que consideram sacrílega qualquer cessão de território aos árabes e que não recuam diante da luta armada, inclusive o assassinato, para atingir seus fins. Muitos se filiam aos ensinamentos do rabino Kook, que atuou na Palestina antes do advento do Estado de Israel, e do rabino Meir Kahane, fundador de uma ideologia messiânica extremamente violenta, para quem o Messias só poderia advir no bojo de uma grande vitória militar dos judeus. Essas idéias influenciaram terroristas como o Dr. Baruch Goldstein, que em 1994 massacrrou dezenas de palestinos no túmulo dos Patriarcas, em Hebron, e Yigal Amir, que em 1995 assassinou o Primeiro-Ministro Yitzak Rabin, para puni-lo por ter assinado o Acordo de Oslo.

Entre os fundamentalistas cristãos, muitos advogam e praticam a luta armada. Os alvos principais dos seus ataques são as clínicas de aborto e os bares de homossexuais masculinos e femininos. Em 1994, o reverendo Paul Hill matou um médico e seu colaborador quando estavam a caminho de um clínica de aborto na Flórida. Hill justificou sua ação com uma citação dos Salmos: “Não temerás nem o terror noturno nem a seta que voa durante o dia.” Em 1995, o edifício federal da cidade de Oklahoma foi explodido por Timothy McVeigh, afiliado a um movimento religioso, Christian Identity, de caráter abertamente anti-semita. Em 1996, outro ativista, contrário ao aborto e ao homossexualismo, Eric Robert Rudolph, lançou uma bomba durante as Olimpíadas de Atlanta. A razão é que os atletas que carregavam a tocha olímpica fizeram um desvio para não passarem por um condado que tinha condenado a sodomia, o que Rudolph interpretou como uma atitude pró-gay.

Em geral, esses fundamentalistas são contra as restrições à venda de armas, por estarem convencidos de que os verdadeiros cristãos precisam ter o direito de defender-se contra o governo, que, para eles, transformou-se em instrumento de uma conspiração satânica para implantar o reino do Anticristo.

Em muitos casos, as posições fundamentalistas se transformaram em políticas governamentais, o que está dentro da lógica do fundamentalismo, que não aceita a separação entre a Igreja e o Estado. Quanto ao mundo islâmico, não havia distinção entre o governo afegão e a ideologia religiosa dos Talibãs. Apesar de seus vínculos com os Estados Unidos, o governo saudita é um bastião da ortodoxia. A política da Autoridade Palestina foi sendo cada vez mais influenciada pelos extremistas religiosos. Desde a origem, o Irã dos ayatollahs foi uma teocracia. Quanto aos judeus, Sharon é, em grande parte, refém dos partidos ortodoxos, sem os quais não poderia governar, e grande parte da indignação com que os colonos receberam a decisão governamental de evacuar a faixa de Gaza vem do fato de



que, no passado, fora o próprio Sharon que os tinha encorajado a instalarem-se naquele território.

Quanto aos cristãos, finalmente, tem-se a impressão de que, depois do atentado contra as Torres Gêmeas, os fundamentalistas chegaram ao poder. O Presidente da maior potência da terra disse que o conflito que se aproximava seria uma guerra monumental do bem contra o mal e que Deus, cujo direito à neutralidade o Presidente contestou, estava do lado dos americanos. O Pentágono não fez por menos: batizou a operação antiterrorista de Justiça Infinita, termo de origem claramente bíblica. Talvez houvesse o dedo dos fundamentalistas até no superpatriotismo com que a nação inteira reagiu à crise, porque, para eles, amar Deus e amar a América são dois lados da mesma moeda. Em todos esses casos, a violência de Estado pôs-se a serviço da violência religiosa.

Certamente Freud não se teria surpreendido com a sobrevivência da religião em nossos dias, mas não é essa a questão. A questão é saber se Freud teria se contentado, para explicar a variante fundamentalista da religião, com os conceitos que ele usara antes para explicar a religião em geral – compensação imaginária pelo sentimento de desamparo do homem, culpabilidade filogenética resultante de um deicídio pré-histórico, neurose obsessiva coletiva da humanidade, etc. Tendo em vista o efeito traumático de atos de violência como os praticados em Nova York, em Madri ou em Beslan, todos de caráter direta ou indiretamente religioso, talvez ele se sentisse tentado a abordar a guinada fundamentalista da religião a partir de outro ângulo: a teoria do trauma.

A psicanálise tem lidado com o trauma desde que o método catártico foi aplicado por Freud e Breuer para induzir a ab-reação de uma experiência traumática. Mas o aspecto da teoria freudiana do trauma que parece mais relevante hoje é o que destaca o efeito traumático de atos externos de violência. A partir da propensão dos soldados afetados por traumatismos de guerra a voltarem sempre em seus sonhos e pensamentos à situação traumática original, Freud foi levado a postular, em *Além do princípio do prazer* (1920), a existência de uma compulsão de repetição, aparentemente alheia aos automatismos da realização de desejo. Introduziu na mesma ocasião a idéia da pulsão de morte, que ilustrava exemplarmente a compulsão repetitiva, na medida em que todo ser vivo aspira a regredir ao estado anorgânico original. A neurose de guerra dos veteranos de 1914-1818 seria um caso especial da neurose traumática, na qual o aparecimento dos sintomas resulta de uma situação em que o sujeito se sentiu em risco de vida.

São exatamente dessa natureza os traumatismos provocados nos sobreviventes das agressões terroristas e nos espectadores que as testemunham. Como essas agressões estão ficando cada vez mais freqüentes, alguns psicanalistas po-



deriam arriscar a hipótese de que a neurose traumática venha a ser a neurose do século 21, como a histeria o foi do século 19. Se isso se confirmasse, o papel clínico da psicanálise poderia tornar-se especialmente importante, porque ela substituiria com vantagem as técnicas farmacológicas e behaviouristas com que a psiquiatria americana está tratando as vítimas do Post-Traumatic Stress Disturbance, entidade clínica inventada pelo *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (1994) para tirar do caminho “velharias” como neurose de guerra e neurose traumática.

Mas pergunto-me se a teoria do trauma não pode levar-nos além da mera clínica, numa direção mais especulativa. A hipótese é que certas ações violentas de nossa época, além de gerarem traumas *individuais*, constituam reações diferidas a traumas *coletivos* vividos pelo homem quando ele transitou para a modernidade.

Mas podemos falar em traumas coletivos? E por que a modernidade?

A resposta à primeira pergunta está no último grande livro em que Freud debateu o tema do trauma, *Moisés e o monoteísmo*. (1939[1934-38]) Nesse livro, Freud faz uma audaciosa passagem da patologia individual para a social, referindo-se à existência de um trauma coletivo da humanidade. Antes de fazer o que ele chama sua “analogia”, recapitula alguns elementos da teoria do trauma. Assim, recorda o fenômeno da latência, intervalo mais ou menos longo entre o momento em que se produziu o trauma e o momento em que aparecem os sintomas. Lembra também que podem existir duas fixações (*Bindungen*) ao trauma, uma positiva, durante a qual o sujeito volta continuamente à situação traumática original, e outra negativa, durante a qual ele não quer saber das impressões antigas, dos traumas esquecidos e tenta evitar tudo o que possa revivê-los. Vem em seguida a analogia. Freud sugere que a humanidade havia experimentado um trauma original – a culpa resultante do assassinato do pai primitivo; que ela passara por uma latência, durante a qual esse episódio fora esquecido; que o parricídio fora repetido pelo povo judeu, que assassinara Moisés e sofrera o trauma correspondente; que, durante sua própria latência, os judeus se esqueceram dos ensinamentos transmitidos por Moisés, principalmente os relativos ao monoteísmo que Moisés trouxera do Egito; que, com o tempo, essas memórias foram sendo recuperadas, embora no modo deformado que caracteriza as reminiscências pós-traumáticas do indivíduo e que uma heresia judaica, o cristianismo, na formulação que lhe foi dada por um judeu romanizado de Tarso, Paulo, representou uma tentativa de aliviar o povo judaico da culpa resultante do assassinato do pai, oferecendo um filho – o filho de Deus – como vítima expiatória.





Sergio Paulo Rouanet

A segunda pergunta só pode ser respondida depois que precisarmos o conceito de modernidade.

Para Max Weber (1904), a modernidade é o desfecho de processos de transformação sócio-econômica que se deram na Europa a partir do século XVII, tornando-se subsequentemente universais em sua influência. Esses processos implicaram na ruptura com relações sociais arcaicas e, principalmente, na racionalização e secularização crescentes do mundo, levando à substituição gradativa da religião pela ciência. Foi o que Weber chamou de *Entzauberung*, desencantamento ou dessacralização.

Essa descrição esconde, em sua secura, o extraordinário sofrimento que a modernização impôs a grupos humanos ainda imersos em relações feudais e adeptos de uma visão religiosa do mundo. Se quisermos ter uma idéia desse sofrimento, temos que abandonar a sociologia acadêmica e reler uma das mais conhecidas passagens do *Manifesto comunista*. Segundo Marx, a modernidade burguesa "...destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Ela rompeu os vínculos feudais que ligavam o homem a seus superiores naturais e não deixou nenhum outro nexos entre os homens a não ser o interesse nu, o pagamento à vista. Ela afogou na água gelada do cálculo egoísta o zelo sagrado dos devotos, o entusiasmo cavalheiresco, a melancolia dos pequenos burgueses... Em lugar da exploração envolta em ilusões religiosas e políticas, ela colocou a exploração aberta, despudorada, direta, brutal. Ela tirou seu halo de todas as atividades que até agora tinham sido contempladas com temor reverencial... Todas as relações fixas, oxidadas, com sua seqüela de idéias e concepções tradicionais, são dissolvidas e todas as que se formam novamente envelhecem antes que se ossifiquem. Tudo o que é estamental, tudo o que é sólido, se evapora, tudo o que é sagrado é profanado..." (1848, p.53-4).

Assim, Marx antecipa a principal característica da modernização, na descrição de Weber: o processo de dessacralização, pelo qual a razão toma o lugar antes ocupado pela fé, pondo o "cálculo gelado" em lugar das "ilusões religiosas." Mas diferentemente de Weber, Marx não evita os julgamentos de valor e é sensível ao sofrimento acarretado pela profanação do sagrado.

Se acrescentarmos à perspectiva marxista e à weberiana uma perspectiva psicanalítica, creio que estaríamos justificados em substituir a palavra "sofrimento" por um termo mais técnico: trauma. Diríamos então que a modernidade infligiu a milhões de seres humanos um trauma profundo ao arrancá-los de suas culturas tradicionais, impondo-lhes uma secularização forçada.

Enquanto homem do Iluminismo, Freud não podia deixar de aprovar o processo de dessacralização, pois foi o recuo do universo mítico-religioso que permi-





tiu o advento da visão científica do mundo e o aparecimento de sua própria ciência, a psicanálise. Sabemos como Freud valorizava a ciência, chegando ao ponto de divinizá-la, à semelhança de Hérault de Séchelles, durante a revolução francesa: “nosso deus Logos.” (Freud, 1927, p.62). E sabemos que, para ele, a ciência se opunha à religião, que ele designa como “ilusão”, utilizando a mesma terminologia de Marx: ilusão religiosa. O papel histórico da razão moderna era o de triunfar do obscurantismo religioso. Ao mesmo tempo, Freud sabia que essa tarefa não era fácil, porque a ciência privava o homem dos consolos do irracional. A religião, pelo contrário, liberava o homem da difícil tarefa do pensamento, ao proporcionar explicações pré-fabricadas para todos os fatos e ao desobrigá-lo de submeter essas explicações ao controle da experiência. Além disso, a religião é uma forma fantasmática de proteger o indivíduo dos perigos da natureza, da implacabilidade da morte, dos sofrimentos impostos pela vida social. Ela minora o infortúnio terrestre e promete no paraíso uma beatitude compensatória. Daí o choque produzido pela modernidade, que confrontava o homem com um mundo secularizado: um trauma. Foi um trauma sobre-determinado, na medida em que o pai primitivo foi o protótipo de Deus, esse mesmo Deus que estava morrendo uma segunda vez.

Vimos que, na neurose individual, coexistem uma fixação positiva ao trauma, pela qual a situação traumática é rememorada e trabalhada, e a fixação negativa, que foge da lembrança da situação traumática. O mesmo, *mutatis mutandis*, ocorre na neurose traumática coletiva.

Por um lado, há uma fixação positiva ao trauma. Ocorre uma re-atualização permanente dos episódios de violência durante os quais a religião foi agredida pelo choque traumático. Os atos de violência são vividos pelos fundamentalistas como episódios de uma guerra permanente entre o bem e o mal. Quando Osama bin Laden proclamou seu primeiro *fatwa* contra os americanos, em fevereiro de 1998, disse que “Os Estados Unidos tinham declarado guerra a Deus, a Seu Mensageiro e aos Muçulmanos.” Os partidários do ativista Baruch Goldstein, autor do massacre de Hebron, afirmaram que o ataque era legítimo, porque todos os judeus estavam em guerra contra todos os árabes. Uma brochura publicada pelo movimento Identidade Cristã para o qual os que hoje se fazem passar por judeus não são mais os judeus bíblicos e sim impostores a serviço de Satã, contém uma frase que indica a crença numa batalha sendo travada atualmente entre os filhos da Treva, hoje conhecidos como judeus, e os filhos da Luz, a raça ariana, que seria o verdadeiro Israel da Bíblia. A frase de Bush sobre a guerra entre o eixo do Bem e o eixo do Mal faz todo sentido no contexto desse fundamentalismo bíblico. São formas fantasmáticas de recordar o trauma original da perda de Deus, equivalentes aos sonhos pelos quais as vítimas dos traumas individuais, situando-se “além



do princípio do prazer”, retornam todas as noites à situação traumática primitiva.

E, por outro lado, há uma fixação negativa sob a forma da regressão a um passado intacto em que a religião reinava sem partilha e a autoridade das *Escrituras* não era contestada. É a fantasia islâmica da volta a um mundo regido pela *Charà*, a fantasia judaica da volta a um Israel bíblico e a fantasia cristã da volta à moralidade dos pais fundadores.

Podemos entender melhor esse fenômeno a partir da consideração de Freud sobre as três humilhações que feriram o amor próprio humano: a humilhação cosmológica, infligida por Copérnico, quando provou que a terra não era o centro do universo, a humilhação biológica, imposta por Darwin, cuja doutrina evolucionista re-inseriu o homem no restante do mundo animal, e a humilhação psíquica, sofrida pelo homem, quando a psicanálise revelou que o ego estava sujeito a determinismos internos cuja verdadeira natureza permanecia inconsciente.

Freud usa a expressão *Kränkung*, humilhação, e não trauma, mas o próprio Freud deixou claro, em *Estudos sobre a histeria* (1893-95), que a “humilhação” era uma variedade de “trauma psíquico”. Por isso, creio que alguns tradutores acertaram em cheio quando traduziram *Kränkung* por ferida, ferida narcísica, com o que se aproximaram do conceito de trauma, que afinal quer dizer ferida em grego. Mas o que, exatamente, foi ferido em cada um desses traumas? Freud diz que foi o amor próprio humano, a *Eigenliebe*. Mas podemos ser mais específicos. Além desse denominador comum, existe claramente outro. O que foi lesado, nos três casos, foi a visão religiosa do mundo. O que esses traumas fizeram foi demolir a autoridade das *Escrituras*. O trauma cosmológico contestou a versão bíblica de que o sol girava em torno da terra; o trauma biológico desafiou o relato bíblico sobre a criação do homem por Deus e o estatuto privilegiado que lhe foi concedido no mundo animal; e o trauma psíquico transformou a religião numa neurose obsessiva da humanidade e fez de Deus a mera projeção supra-sensível da figura paterna.

Mas o que ganhamos com a transformação de *Kränkung* em trauma? Simplesmente isto: podemos compreender melhor a violenta contestação, hoje em dia, de Copérnico, Darwin e Freud e a ressurreição correspondente, por motivos religiosos, daquelas mesmíssimas concepções do mundo – o geocentrismo, o criacionismo e a psicologia não-analítica – que aparentemente haviam sido destronadas por nossos três traumas.

Quanto a Copérnico, há hoje um debate acalorado em círculos evangélicos americanos sobre a validade ou não da teoria heliocêntrica. Há toda uma corrente que sustenta com argumentos científicos que a versão bíblica – a geocêntrica – é a única que corresponde aos fatos. Assim, uma experiência realizada em 1925 teria



demonstrado não haver nenhuma prova de que a terra se movesse em torno do sol. Mas a essência da argumentação é teológica. Afirma-se que o heliocentrismo é refutado pela *Bíblia*. Assim, o Gênese refere-se várias vezes ao nascer e ao pôr-do-sol, mas nunca a um movimento da terra em redor do sol. Além disso, a *Bíblia* não se refere à criação do sol antes do quarto dia, ao passo que a terra foi criada desde o primeiro dia. Como pôde a terra, então, ter girado durante três dias em torno de um sol que ainda não existia?

Como o próprio Freud observou, a doutrina evolucionista foi objeto de uma enorme resistência desde a publicação de *A origem das espécies*. Depois da primeira guerra mundial, os estados da Flórida, Mississippi, Louisiana, Arkansas e Tennessee promulgaram uma lei considerando ilegal o ensino do darwinismo nas escolas. Foi quando um jovem professor secundário de Tennessee decidiu desafiar a lei, confessando haver ensinado o evolucionismo a seus alunos. Preso, o rapaz foi defendido por um advogado liberal, que defendia a supremacia da ciência. No outro campo, estava o político e presbiteriano William Jennings Bryan, para quem Darwin estava destruindo os valores morais da América e da civilização. No tribunal, Bryan defendeu, contra Darwin, a verdade literal do relato bíblico e a cronologia bíblica, segundo a qual o mundo fora criado por volta do ano 4.000 antes de Cristo.

Mas podia-se acreditar que, depois da derrota fragorosa de Bryan, ridicularizado diante da nação inteira por seu implacável adversário, os partidários do criacionismo deporiam as armas. A controvérsia parecia ter sido definitivamente sepultada quando a Corte Suprema decidiu, em 1987, declarar a nulidade da lei da Louisiana que proibia o ensino da evolução. Mas, nos últimos anos, os fundamentalistas voltaram à cena. Em 1999, a Junta de Educação do estado de Kansas votou uma recomendação que, na prática, encorajava as escolas a retirarem dos currículos a evolução. Há dois anos, o estado de Ohio decidiu adotar um currículo que inclui a evolução, mas inclui também as teorias que a criticam, o que equivale a dar o mesmo valor a Darwin e ao criacionismo bíblico. Foi um pouco o compromisso no filme *Inherit the Wind*, em que Spencer Tracy, representando o papel do advogado, sai do tribunal, depois de sua vitória, carregando numa das mãos a *Bíblia* e no outro *A origem das espécies*. Não podendo mais dizer que o país está ameaçado pelo comunismo, a direita religiosa americana descobre que a verdadeira ameaça, agora, é o darwinismo. Chegou-me às mãos recentemente um artigo intitulado *Propaganda evolucionista*, cujo autor enxerga em toda parte indícios de uma vasta conspiração darwinista para intoxicar as consciências cristãs. Uma das provas mais sinistras desse complô anti-cristão é que o sistema operacional do último computador Macintosh chama-se....Darwin! Como o ridículo não tem fron-





Sergio Paulo Rouanet

teiras, o exemplo americano está frutificando no Brasil. Em 2004, o governo do Estado do Rio de Janeiro, que em 2002 havia sancionado uma lei estabelecendo o ensino confessional nas escolas públicas estaduais, decidiu que a doutrina criacionista seria ensinada nas aulas de religião. É uma primeira vitória do fundamentalismo anti-darwinista no estado em cuja capital Darwin aportou, em 1832, a bordo do *Beagle*.

Finalmente, não é preciso recordar, nesta assembléia de psicanalistas, a virulência dos ataques dirigidos à psicanálise nos Estados Unidos. Em parte, essa reação vem de um feminismo primário, que hoje ataca um filme como *Lolita*, em nome da repressão à pedofilia, com a mesma cólera sagrada que suas mães e avós reservavam a *O amante de Lady Chatterley* em nome da moral puritana. Esse feminismo obscurantista foi responsável por um dos episódios mais lamentáveis dos últimos anos, a suspensão da exposição Freud, organizada pela Biblioteca do Congresso. Mas a outra fonte da oposição a Freud vem da direita religiosa. Os grupos fundamentalistas cristãos afirmam, e não deixam de ter razão, que a visão bíblica do homem é incompatível com a antropologia freudiana. A Associação Evangélica Fundamenta está distribuindo pela Internet uma espécie de catecismo, contrapondo os ensinamentos da *Bíblia* e os da psicologia, incluída a psicanálise. Em cima vem uma citação de Freud e em baixo uma citação da *Bíblia*, de sentido diametralmente oposto. Tudo isso culmina com um *gran finale*: em cima vem uma frase segundo a qual a psicologia foi inspirada pelo homem pecador e em baixo outra frase referindo-se à autoridade da *Bíblia*, inspirada por Deus Todo-Poderoso. Outra publicação reforça essa interpretação da psicanálise como doutrina satânica, ao dizer que a psicologia freudiana zomba dos ensinamentos morais dos pais, perturba a consciência dos que a escutam e que isso remove as restrições ao pecado.

Esses exemplos ilustram o duplo movimento a que me referi antes – fixação positiva e negativa ao trauma. Tudo se passa como se a reação ao trauma provocado pelo secularismo moderno estivesse pressionando o homem em duas direções. Por um lado, impulsionado pela compulsão de repetição, a serviço da pulsão da morte, o homem revive a situação primitiva de violência, vendo-se como protagonista de uma luta cósmica entre o bem e o mal, transfiguração alegórica do conflito que no passado produziu o trauma. Como no passado, ele se vê encurralado por forças desmedidas, que ameaçam as hostes do bem do mesmo modo que antes. A compulsão de repetição faz com que ele enfrente os mesmos inimigos, usando exatamente os mesmos argumentos religiosos que no passado haviam sido utilizados pelos adversários de Copérnico, de Darwin e de Freud. Por outro lado, impulsionado pelo princípio do prazer, o homem cria utopias retrospectivas, ima-





gens de um paraíso perdido, governado pela lei divina, em que a terra era o centro do universo, o homem era o rei da criação e a consciência controlava a vida mental.

Creio, em suma, que há boas razões para ver em certos movimentos violentos de nossa época uma reação ao trauma da secularização produzido pela modernidade. O trauma pode ser recente, como no caso dos países islâmicos que foram afetados pelas pressões modernizadoras há no máximo uma ou duas gerações, ou mais antigo, como no caso da Europa ou dos Estados Unidos, mas em todos os casos esses movimentos visam a uma só coisa, a ressacralização, como acontece com os dois extremismos que atualmente incendeiam o Oriente Médio e com o governo teocrático hoje instalado na Casa Branca.

Resta responder a uma última pergunta: por que esses movimentos estão se dando agora? Em termos freudianos, os sintomas patológicos surgem depois de finda a latência, muitas vezes em consequência de um acontecimento que tenha uma relação associativa com o fato traumático. Em nosso caso, creio que os acontecimentos “deflagradores” foram o fim da guerra fria, que levando à derrota da grande religião leiga do século 20, o marxismo, reativou a memória da derrota anterior sofrida pelas religiões tradicionais, e a globalização, que, com sua tendência a destruir todas as especificidades culturais, reativou a memória da destruição cultural produzida pela secularização moderna.

Em si, esse retorno do sagrado nada tem de sinistro. Mesmo filósofos perfeitamente racionais, como Habermas, acham que a volta da religião num mundo pós-secular pode afinar nossa sensibilidade para conteúdos semânticos da tradição que se perderam quando foram transpostos em linguagem profana.

Mas não há como aceitar a variante fundamentalista da religião. O fundamentalismo impede o homem de pensar por si mesmo, desativa sua razão e simplifica realidades complexas. Esse tríplice déficit corresponde exatamente ao perfil dos alucinados que se despedaçam e despedaçam pessoas inocentes, que querem provocar conflagrações apocalípticas para acelerar a segunda vinda de Cristo e que declaram guerra ao mundo para assegurar a vitória das hostes do Bem.

A eliminação da violência religiosa exige medidas de caráter social e político. Elas podem agir sobre as causas externas do fundamentalismo, como a anomia resultante do processo de urbanização, a dissolução dos vínculos tradicionais de solidariedade, a discriminação étnica e a marginalidade social. Mas um papel importante deve caber à psicanálise, que conhece os mecanismos de psicologia individual e coletiva responsáveis pelo extremismo religioso. Nosso Congresso, dedicado ao tema do trauma e da violência, muito poderá contribuir para definir a natureza desse papel. □





Sergio Paulo Rouanet

Abstract

God's violence

The purpose of this paper is to look at the increased role of religion in current society, especially as regards expressions of religious fundamentalism, based on Freud's ideas.

For this, the author, adopts a more speculative line, studying the hypothesis that certain violent actions of our time, linked to expressions of religious radicalism, besides causing individual trauma, were reactions to collective trauma resulting from the cultural changes that began to occur in the Modern Era of the history of man.

Keywords: religion, religious fundamentalism, trauma, Freud.

Resumen

La violencia de Dios

Partiendo de las ideas de Freud, el presente trabajo tiene por objetivo examinar el recrudescimiento del papel de la religión en la sociedad actual, principalmente en lo que se refiere a las manifestaciones del fenómeno del fundamentalismo religioso.

Para tanto, el autor, tomando una dirección más especulativa, estudia la hipótesis de que ciertas acciones violentas de nuestra época, vinculadas a la manifestación de un radicalismo religioso, además de generar traumas *individuales*, constituyan reacciones a traumas *colectivos* provenientes de las transformaciones culturales ocurridas a partir de la Era Moderna de la historia del hombre.

Palabras llave: religión, fundamentalismo religioso, trauma, Freud.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Fourth Edition. Washington, DC, American Psychiatric Association, 1994.
- FREUD, S. (1893-95). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.2. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- . (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.18. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.13-95.
- . (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras*





- Completas de Sigmund Freud*. v.7. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.89-179.
- . (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.21. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p.13-63.
- . (1933 [32]). A questão de uma weltanschauung – Novas conferências introdutórias – conferência 35 In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.22. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p.155-77.
- . (1939 [1934-38]). Moisés e o monoteísmo In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.23. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.13-161.
- LOCKE, J. (1689). *Carta sobre a tolerância*. Portugal: Edições 70, 2000.
- MARX, K. & HENGELS, F. (1848) *Manifesto Comunista*. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2001.
- VOLTAIRE, F.M.A. & POMEAU, R. (1763). *Traité sur la tolérance*. France: GF, 1989.
- WEBER, M. (1904). Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus In: *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*.v.1 Tübingen: Mohr-Siebeck, 1978.

Recebido em 21/06/2005

Aceito em 20/07/2005

Sergio Paulo Rouanet

Av. Afrânio de Melo Franco, 393/203
22430-060 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
E-mail: rouanet@uol.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA